

# Economista prevê novas medidas de austeridade

19 SET 1982

Economia - Brasil

As medidas adotadas na semana passada pelo governo, reduzindo a liquidez e criando condições para uma nova alta dos juros, com a elevação da margem de depósito compulsório dos bancos, podem ser apenas o início de uma nova fase de maior austeridade da política econômica. Se os resultados não forem satisfatórios, novos apertos deverão ocorrer até o final do ano, apesar das eleições marcadas para novembro.

Ao analisar esta semana as decisões tomadas pelo governo e ratificadas na quarta-feira pelo Conselho Monetário Nacional, o economista Adroaldo Moura da Silva, da Universidade de São Paulo, disse que a situação cambial é extremamente grave devido à preocupação dos banqueiros internacionais com a situação dos países em desenvolvimento, como ficou evidenciado na recente reunião do Fundo Monetário Internacional. Além da redução do fluxo de recursos externos para o Brasil nos últimos meses, o balanço de pagamentos vem sofrendo desde o início do ano os efeitos da queda dos preços de produtos primários no mercado internacional e da diminuição da taxa de crescimento das exportações.

Adroaldo Moura da Silva entende que o governo, ao concentrar as últimas medidas no setor monetário, teve de optar por um tratamento extremamente severo. Com isso, fica mais ou menos claro que a indústria não terá condições de apresentar este ano taxas positivas de crescimento e talvez não se mantenha no mesmo nível de 1981, como se podia esperar antes das recentes decisões do governo. O nível de desemprego, que também vinha decrescendo, poderá agora estabilizar-se ou até aumentar.

## AS ALTERNATIVAS

Nos últimos meses, observa Adroaldo, houve no Brasil uma ligeira reativação da economia, queda nas exportações e uma sobrevalorização do cruzeiro que se verificou num quadro de perplexidade dos bancos internacionais em relação aos países em desenvolvimento. Esperava-se uma demonstração de apoio do Fundo Monetário Internacional aos países em desenvolvimento, mas o que ficou evidenciado na

reunião anual, em Toronto, foi que só teriam apoio os países que se enquadrassem num esquema de maior austeridade.

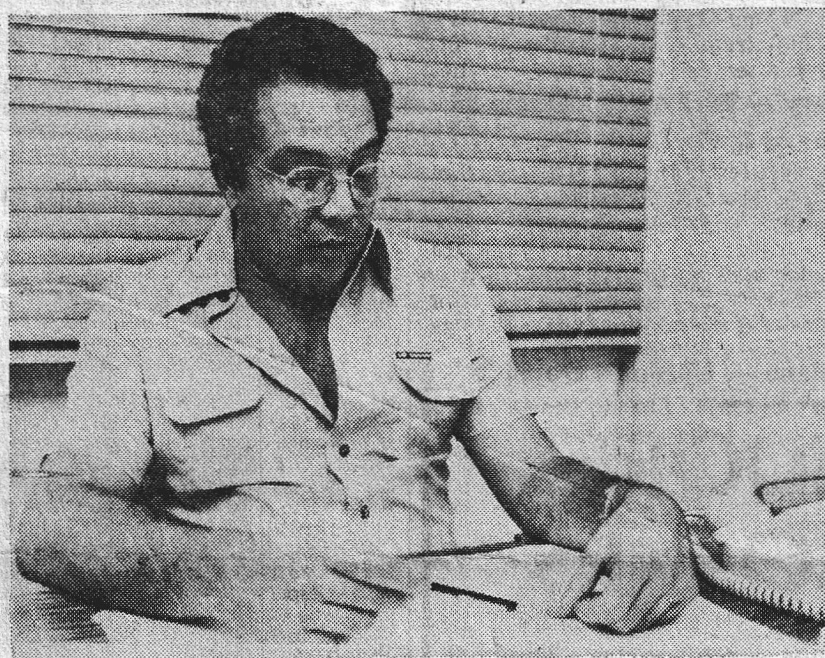
A receita do FMI para a economia brasileira, segundo Adroaldo Moura da Silva, seria hoje maior disciplina na política salarial, maior controle dos gastos públicos, novos cortes nos subsídios, maior aperto na política monetária e eliminação da sobrevalorização do cruzeiro. Eliminação da sobrevalorização, em outras palavras, significa acelerar as minidesvalorizações ou adotar nova maxidesvalorização, embora o economista da USP procure evitar essas expressões.

Ao se restringir a medidas na área monetária, o governo, na opinião de Moura da Silva, foi obrigado a usar uma dosagem extremamente forte, que poderia ser menor se viesse acompanhada de outras decisões. "Se com isso o País conseguir reequilibrar o fluxo de moedas externas, os objetivos serão alcançados. Caso contrário, poderá ocorrer alguma decisão na área cambial", disse o economista.

Após assinalar que o Brasil não podia continuar com a perspectiva de fechar o ano com uma inflação de 100% ou com déficit na balança comercial, o economista da USP comentou que no plano cambial, além da manutenção das minidesvalorizações no ritmo mais acelerado dos últimos meses, "poderia ser adotado um esquema de desatrelamento entre juros internos e externos".

O mecanismo, que já foi inclusive sugerido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, consistiria basicamente em desvincular a correção monetária da correção cambial, dando às empresas com dívidas externas a possibilidade de optar pela correção monetária no momento de pagar suas prestações.

"O argumento de que com isso estariam sendo aumentados os subsídios não tem consistência. É fácil demonstrar que, mantido o quadro atual, o volume de subsídios embutido no crédito de exportação, motivado pela sobrevalorização do cruzeiro, é duas a três vezes maior que o volume de subsídios que estaria ligado ao desatrelamento da taxa cambial e monetária", explica Moura da Silva.



Adroaldo Moura da Silva: "Situação cambial muito grave"

Arquivo